

A decadência da América Latina

JOSÉ CARLOS DE AZEVEDO

Por que todos os países da América Latina se encontram em difícil situação e passam por períodos de instabilidade econômica, política e social frequentes, episodicamente intercalados por fases de prosperidade como já houve no Brasil e parece haver agora no Chile?

Não faltam teorias para explicar a riqueza das nações, tema talvez abordado competentemente pela primeira vez por Adam Smith em seu consagrado livro publicado em 1776; no início deste século, Spengler publicou o *Der Untergang des Abendlandes*, sobre a decadência do Ocidente e, comparando civilizações modernas a antigas, a greco-romana em particular, concluiu que havia ciclos de prosperidade e pobreza e de tranquilidade social e desordem pelos quais passam as civilizações; divulgado à época do desastre da Alemanha na Primeira Grande Guerra, ganhou notoriedade mas caiu no esquecimento e o Ocidente Europeu, com exceção dos países comunistas, manteve ritmo de prosperidade significativo, apesar da Segunda Grande Guerra.

Recentemente, Alan Bloom, do Centro de Pesquisa e Prática da Democracia da Universidade de Chicago, ex-professor de Yale, Cornell e Tel-Aviv, publicou o *The Closing of the American Mind* (Simon & Schuster, NY, 1987), que teria sido traduzido com o título *O Declínio da Cultura Ocidental*; o erudito professor norte-americano, dotado de cultura humanística superior, concluiu que seu país está em decadência e identificou a origem dessa fase na falência das universidades dos E.U.A., iniciada nos anos 60 com a rebelião estudantil na Califórnia que chegou aos santuários acadêmicos do Leste na mesma década. Para ele, as universidades haviam sucumbido aos movimentos de massa, "em grande parte por considerarem que esses movimentos possuíam uma verdade moral

superior que universidade alguma seria capaz de suprir".

Ninguém provou que a saúde econômica de um país depende de seu nível cultural. Nauroa, uma das menores repúblicas do mundo, tem a renda per capita maior do planeta e vive da exportação de guano, riquíssimo em fosfato, ali depositado pelas aves de arribação há milhões de anos mas desaparecerá até o final deste século, pois seus habitantes realmente exportam pedaços de seu solo. Todos os países latinos podem viver de exportar matérias-primas, mas elas perdem valor comercial de forma crescente, pois as nações ricas desenvolvem e produzem materiais em laboratório com características mais adequadas que as existentes na natureza. A Inglaterra é outro exemplo e, no final do século passado, dominava todo o planeta mas às suas universidades só tinha acesso a elite e nem o ensino de base era universal ou compulsório.

Ninguém, entretanto, contesta que os países desenvolvidos possuem os melhores sistemas educacionais e por isso podem investir maciçamente em ciência e tecnologia, o que não ocorre na América Latina. Talvez esteja aí a explicação mais razoável para as desditas desse ex-admirável mundo novo sul-americano e por isso também a produção científica de nosso País, em base per capita, é uma das mais baixas do mundo civilizado. De resto, o analfabetismo renitente, as altíssimas taxas de evasão e de repetência e o baixíssimo consumo de livros por habitante no Brasil — que não chega a dez por cento do índice europeu — servem também para comprovar a hipótese.

Deve ser impossível desenvolver uma nação tão gigantesca como o Brasil que possui, nesta última década do milênio, o maior contingente de analfabetos do mundo ocidental e talvez não seja temerário conjecturar que é na falência da nossa educação que se encontram as raízes de nossas mazelas políticas, econômicas e soci-

ais. Custa a crer que, no limiar do Século XXI, que viu-se surgirem do caos a Alemanha, a Itália, o Japão, a Inglaterra e outras nações arrasadas pela guerra, esteja o nosso Patropi nessa melancólica situação de dependência tecnológica, científica e econômica.

Há estudos que mostram (cf. V. Weisskopf, *The Privilege of Being a Scientist*, Freeman, NY, 1989) que o custo de todos os investimentos feitos em ciência básica desde os tempos de Arquimedes até hoje, equivalem aos gastos com o funcionamento de todas as indústrias ora existentes no mundo, durante apenas dez dias; melhor investimento que esse não há e para que o leitor tenha uma idéia do que isso também representa para a riqueza material da humanidade, basta lembrar que as aparentemente inocentes divagações de Einstein sobre a estrutura matemática do espaço-tempo, feitas ao longo de 16 páginas do *Annalen der Physik* 17 de 1905, deram nascimento à teoria da relatividade e à revisão da ciência clássica a partir da qual surgiram a teoria dos quanta, a física nuclear, os lasers, os reatores, as ressonâncias magnéticas, as técnicas de medicina nuclear e de agricultura e assim por diante, que representam investimentos de vários bilhões de dólares. Aquela época, Einstein, que não conseguira emprego em universidade, era um modestíssimo técnico de terceira classe do Instituto de Patentes de Berna, Suíça, e seu desejo material maior era chegar à segunda classe, aparentemente para casar-se. São comprovações assim, do poder da vontade, da força da inteligência e do valor do exemplo, que lançam perspectivas sombrias sobre o futuro deste País, pela sua rigorosa falta de expressão no mundo científico.

José Carlos de Azevedo, ex-reitor da Universidade de Brasília, é doutor em Física pelo MIT